

### 03. – De Saint-Imier à Carta de Amiens

Besancenot & Löwy têm absolutamente razão ao dizer que a criação da CGT “é um retorno ao movimento unificador que a criação da Primeira Internacional havia gerado quarenta anos antes”. Mas a Internacional com a qual a CGT está renovando seus laços não é a do Conselho Geral, que excluiu todo o movimento operário da época, mas a da chamada AIT antiautoritária. Naquela época, havia poucos marxistas revolucionários: aqueles que diziam ser marxistas estavam mais preocupados com a política eleitoral e as reformas de fachada, e passaram muito tempo tentando excluir os “anarquistas” dos congressos socialistas internacionais.

Coloquei “anarquistas” entre aspas porque, no discurso da social-democracia alemã, é descrito como tal qualquer militante que fale a favor da greve geral, e isso não foi limitado ao movimento anarquista.

Após a morte de Bakunin, houve uma ruptura com os princípios que o revolucionário russo tinha desenvolvido. Segundo ele, a Internacional tinha de manter o seu carácter de organização de massas: os trabalhadores não devem aderir a ela com base numa ideia, num programa, mas na solidariedade mútua e na defesa de seus interesses materiais. O revolucionário russo acreditava que o movimento operário internacional não tinha alcançado um grau homogêneo de desenvolvimento e que seriam necessários muitos anos de debate interno para atingir essa homogeneidade. Entretanto, foi necessário incentivar esses debates e evitar a todo custo a imposição de um programa único para a Internacional – um projeto que Bakunin atribuiu a Marx.

Para conseguir constituir uma organização internacional de massas lutando contra o sistema capitalista, não era necessário começar por expor grandes princípios teóricos, era necessário abordar o proletariado “não com ideias gerais e abstratas, mas com uma compreensão real de seus males reais”<sup>1</sup>.

A oposição de Bakunin à adoção de um programa único e obrigatório também se baseou no fato de que, se um programa fosse adotado, inevitavelmente levaria os apoiadores de diferentes correntes a também querer impor um programa, e então “haveria tantas Internacionais quanto diferentes programas”<sup>2</sup>: seria o deslocamento da organização.

A partir desse momento, podemos distinguir duas correntes opostas dentro da Internacional antiautoritária. Essa oposição, que já existia antes de Saint-Imier permanece abafada. Em sua monumental obra *L'Internationale, documents et souvenirs*, James Guillaume não procura destacá-los, mas a presença deles é real. Eles poderiam ser descritos como “proto-sindicalistas revolucionários” e “proto-anarquistas”.

Com os sindicalistas, há James Guillaume, Bakunin, a federação espanhola e durante algum tempo a federação belga; com aqueles que começam a ser designados como “anarquistas”, há Pierre Brousse, Andrea

---

<sup>1</sup> Bakounine, *Protestation de l'Alliance*.

<sup>2</sup> Bakounine, *L'Empire knouto-germanique*.

Costa, mas também Malatesta, Cafiero etc. Este confronto levaria ao que eu chamo de “ruptura” com o bakunismo.

### **03-1. Saint-Imier: “O Ato Fundador” do Anarquismo?**

O Congresso de Saint-Imier é, por vezes, apresentado como o “ato fundador” do anarquismo. É verdade que, após a exclusão de Bakunin e James Guillaume da Internacional, no Congresso de Haia em setembro de 1872, e depois da exclusão da Federação do Jura, as outras federações da AIT rejeitaram estas exclusões. Marx encontrou-se totalmente isolado. O Congresso Internacional de Saint-Imier foi, de certo modo, a manifestação deste desacordo; mas nem todas as federações que contestavam as decisões de Haia o fizeram de acordo com as posições da Federação do Jura: algumas delas eram abertamente a favor da conquista do poder através de eleições. O Congresso Internacional de Saint-Imier não foi convocado com base na adesão aos princípios “anarquistas”, mas no princípio de que cada federação tinha a possibilidade de escolher seu próprio caminho para a emancipação dos trabalhadores, *incluindo o caminho eleitoral*. Não existe qualquer ambiguidade sobre este ponto. Ao contrário do que muitas vezes se diz, o Congresso Internacional de Saint-Imier não foi, portanto, o “ato de fundação” do anarquismo.

Certamente, havia militantes na Federação do Jura que defendiam posições “anarquistas”, opostas à estratégia parlamentar. Mas a AIT “antiautoritária” não era anarquista; era “antiautoritária” precisamente porque não tinha um programa obrigatório e porque as federações que tinham feito diferentes escolhas, *inclusive parlamentares*, mas que concordavam com a exigência de solidariedade internacional dos trabalhadores, podiam coexistir. Esta autonomia das federações era totalmente inaceitável para Marx.

No entanto, após o congresso de Saint-Imier, a corrente anarquista (sem aspas) tentará questionar esses princípios. O Congresso de Verviers (Bélgica), realizado em 1877, finalmente impôs à AIT um programa único, o programa anarquista, ou seja, conseguiu o que Bakunin havia tentado evitar a todo custo. O congresso fará literalmente o que Bakunin e seus companheiros acusaram Marx de querer fazer, e transformará o que restava da AIT em uma organização “autoritária”, com um programa único. Foi depois deste congresso que a Federação Belga, que sempre esteve muito próxima de Bakunin, abandonou a AIT. Como resultado, a AIT desapareceu, restou apenas a Federação do Jura, que se transformou em um grupo de afinidade anarquista e terminou sua existência com menos de 400 membros. E em 1878, a Federação do Jura, a quem foi confiada esta tarefa, decidiu não convocar mais congressos internacionais. Pode-se dizer que a AIT “antiautoritária” tinha literalmente evaporado.

A análise das causas do desaparecimento da Internacional “antiautoritária” ainda não foi feita.

Muitos ativistas, órfãos da Internacional, participaram dos congressos socialistas internacionais organizados pela social-democracia alemã. Sua presença nesses congressos não representou um problema para os ativistas socialistas, mas perturbou os líderes social-democratas,

especialmente os alemães, e especialmente Engels, enquanto ele ainda estava vivo. Depois de algumas tentativas fracassadas, a eliminação final dos “anarquistas” foi alcançada em 1896.

Para os líderes social-democratas, o termo “anarquista” referia-se a qualquer militante que se opusesse à estratégia parlamentar e que fosse a favor da greve geral. Isto incluiu, portanto, àquela altura, os socialistas e sindicalistas que, embora não anarquistas, compartilhavam das opiniões sobre a ação parlamentar e a greve geral.

Neste período, que poderia ser descrito como “transitório”, as práticas ainda não estavam estabelecidas: muitos ativistas socialistas tinham experimentado a ação parlamentar, mas não estavam convencidos de sua eficácia; outros defendiam a ação parlamentar como um método entre outros, mas não excluía boicotes eleitorais e greves gerais, dependendo das circunstâncias. Este foi um período durante o qual não houve separação impermeável entre anarquismo e socialismo.

### **03-2. O Legado de Bakunin e a AIT**

Durante os vinte anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, o movimento operário francês foi confrontado com a questão da herança da Primeira Internacional e de Bakunin. Houve uma quebra de continuidade correspondente a uma geração. Este período contribuiu para a erosão e distorção da história e da memória.

O período a que aqui me refiro é o intervalo durante o qual o movimento sindicalista revolucionário e o movimento anarquista tentaram, na França, recuperar o legado de Bakunin. James Guillaume, agora a vivendo na França, desempenhou um papel decisivo nesta reapropriação. As duas correntes herdeiras da Internacional redescobriram Bakunin graças a um texto publicado em 1869 no *L'Égalité* de Genebra, “La Politique de l'Internationale” [A Política da Internacional], do qual foram publicados grandes excertos em 1907 em *Les Temps Nouveaux* e em *Il Risveglio*<sup>3</sup>. Este texto de Bakunin, que é até certo ponto seu testamento político, forneceu uma oportunidade para debates, primeiro, e depois para polêmicas que durariam até a declaração de guerra.

Sob o pseudônimo de Isidine, Marie Goldsmith sublinha “a identidade das ideias sindicalistas com ideias anarquistas”. E acrescenta: “Bakunin, em seu artigo ‘A Política da Internacional’, define o curso de ação que ele gostaria de ver o movimento operário seguir, em tais termos que o atual movimento sindical parece ser a realização exata de seu programa”<sup>4</sup>.

Dentro das correntes que emergiram da Associação Internacional de Trabalhadores Antiautoritária e da Federação do Jura, muitos ativistas tomaram como certo que o anarquismo era produto da AIT e que o sindicalismo era produto do anarquismo. Amédée Dunois, por exemplo,

---

<sup>3</sup> Cf. [http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/politique\\_de\\_l\\_internationale.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/politique_de_l_internationale.pdf).

<sup>4</sup> “Le syndicalisme révolutionnaire et les Partis politiques en Russie”, publicado no *Les Temps Nouveaux* em julho de 1907.

afirmou, em julho de 1907, que o anarquismo sindicalista<sup>5</sup> “parecia um filho com relação ao coletivismo da Internacional” e que “veio na linha direta de Bakunin”<sup>6</sup>. De fato, no início, sindicalistas revolucionários e anarquistas concordaram que Bakunin era um precursor do sindicalismo revolucionário: o sindicalismo revolucionário era a forma em ação do anarquismo.

Num artigo publicado em 1976, “Bakunin entre o Sindicalismo Revolucionário e o Anarquismo”, Maurizio Antonioli<sup>7</sup> mostra o papel decisivo que James Guillaume desempenhou nesta reapropriação da herança pelas duas correntes: há então, diz ele, “uma continuidade política ideal entre Bakunin e o sindicalismo”.

Mas, muito rapidamente, aparecerão objeções. As duas correntes evoluíram de uma forma que as levará a se confrontarem. O sindicalismo revolucionário se viu confrontado com o que Maurizio Antonioli chama de “lógica de absorção”, assumindo tanto a função de organização de massas como a de organização específica. Alguns anarquistas acusam-no de ter inspirações “imperialistas”, para usar a expressão de Marc Pierrot; os anarquistas criticarão o sindicalismo revolucionário por não deixar espaço para uma organização baseada num “ideal”, isto é, uma organização política, “específica”.

No entanto, não devemos ver as coisas na forma de uma oposição entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo. Muitos militantes responderam ao “Apelo aos Anarquistas” de Fernand Pelloutier (1899), mas muitos deles tinham antecipado este apelo e tinham-se envolvido com grande dedicação e zelo na atividade sindical, muitas vezes muito antes. Quando apareceram as críticas anarquistas ao sindicalismo, a CGT já tinha recuperado um máximo de militantes anarquistas operários: as críticas vieram em grande parte dos anarquistas que permaneceram nas margens, para quem a ação estritamente anarquista era a única em que eles podiam se envolver, porque em geral não podiam se sindicalizar de qualquer maneira, por causa da sua atividade: são eles que vão dizer que a atividade sindical de protesto era inútil.

No entanto, não devemos negligenciar esta corrente do anarquismo que considerava indispensável trabalhar dentro dos sindicatos, mas que não se autodenominava sindicalista revolucionária.

Iniciou-se um debate sobre a questão do “automatismo”, uma ideia erroneamente atribuída a Bakunin, segundo a qual haveria um determinismo inevitável que levaria o trabalhador envolvido na luta diária por reivindicações a adquirir uma consciência revolucionária. Mas não foi isso que Bakunin disse: o revolucionário russo diz que o ponto de partida da ação revolucionária consiste em levar em conta os interesses imediatos, os problemas diários do trabalhador (a “compreensão real de seus verdadeiros males”); ele não diz que levar em conta os problemas reais

---

<sup>5</sup> O termo “anarcossindicalismo” só surgiu após a revolução russa e só se impôs na década de 1930.

<sup>6</sup> *Congrès anarchiste tenu à Amsterdam, Août 1907*, Paris, La Publication sociale, 1908, p. 65.

<sup>7</sup> Tradução francesa por edições Noir & Rouge, 2014.

leva *inevitavelmente* à consciência revolucionária. Esta é uma condição necessária, mas não suficiente.

### 03-3. Duas Estruturas Federadas

Na visão de Bakunin, a Internacional era constituída por duas estruturas federadas: uma estrutura “vertical” constituída por “seções profissionais” (o equivalente aos sindicatos) e uma estrutura geográfica ou interprofissional constituída por “seções centrais” (o equivalente às bolsas de trabalho, ou, na Itália, às Camere del Lavoro). As seções profissionais eram responsáveis pela luta diária no local de trabalho. Era aí que os trabalhadores eram mais diretamente confrontados com os patrões e que, através da luta diária e da prática da solidariedade, tomavam consciência da oposição radical entre Capital e Trabalho.

Na concepção bakuniniana da organização, as “seções centrais” não representam nenhuma indústria em particular “uma vez que os trabalhadores mais avançados de todas as indústrias de uma localidade estão ali reunidos”. São, de certo modo, as bolsas de trabalho (Bourses du travail, em francês), isto é, as estruturas interprofissionais, que representam a própria ideia da Internacional. Sua missão é desenvolver essa ideia e fazer propaganda: a emancipação não só dos trabalhadores dessa indústria ou desse país, mas de todos os países. São centros ativos onde “a nova fé é preservada, concentrada, desenvolvida e explicada”. Você não entra como um trabalhador especial em uma determinada profissão, mas como um trabalhador em geral.

O papel da seção central é, pois, eminentemente político. Estabelecido na localidade em uma base geográfica, reúne os trabalhadores independentemente da profissão, a fim de dar aos setores de atividade uma visão e perspectivas que vão além dos limites estreitos da empresa. Em primeiro lugar, permite que todos os trabalhadores de uma localidade sejam informados das respectivas situações e, se necessário, organizem formas de apoio em caso de necessidade.

Bakunin aponta uma correspondência entre esses dois processos, entre essas duas instâncias organizacionais federadas entre si, e é sua síntese que constitui a organização de classe nas formas que lhe permitirão constituir um substituto para a organização estatal. Para aqueles que pensam que uma vez cumprida sua missão – a criação de uma organização poderosa – as seções centrais deveriam se dissolver, deixando apenas as seções profissionais, Bakunin declara que isso seria um erro grave, porque a tarefa da AIT “não é apenas econômica ou simplesmente material, é ao mesmo tempo e *na mesma medida eminentemente política*”<sup>8</sup>. (*Sublinho*).

Em outras palavras, Bakunin não limita a organização de massas dos trabalhadores a uma simples função de luta econômica: ao retirar da AIT seus setores centrais, se retiraria da organização o lugar onde se pode realizar a elaboração política, uma reflexão indispensável dos trabalhadores sobre os objetivos de sua ação. Isto responde a Marx e

---

<sup>8</sup> Bakunin, *Protestation de l'Alliance*.

Engels, que acusaram Bakunin de não querer “fazer política”. Ao contrário de Marx e Engels, Bakunin simplesmente não se envolveu na política *parlamentar*.

Inicialmente unindo os trabalhadores em função de seus interesses imediatos, a organização de classe é também o lugar onde se desenvolve e implementa a política que conduzirá à sua emancipação. Está amplamente estabelecido que quando uma burocracia sindical, ou um partido político, pretendem reforçar o seu controle sobre a organização sindical, faz-se um esforço determinado para liquidar ou reduzir o papel das estruturas horizontais, interprofissionais<sup>9</sup>.

A importância dada por Bakunin às seções centrais em sua teoria de organização parece ter escapado a muitos anarquistas: elas são corpos eminentemente políticos. O debate entre “automatismo” (os trabalhadores só chegam à consciência revolucionária através da experiência das lutas) e “ideal” (os trabalhadores precisam de intervenção política externa para desenvolver a atividade revolucionária), seria para Bakunin o grande exemplo de um falso debate.

Note-se que a estrutura dual da Internacional descrita por Bakunin – vertical e horizontal – ainda corresponde, pelo menos formalmente, à estrutura da CGT de hoje com os seus sindicatos e federações industriais, por um lado, e os suas estruturas locais, regionais etc., por outro. Naturalmente, a CGT francesa tem hoje pouco a ver com a CGT do período sindicalista revolucionário.

#### **03-4. “O Sindicato É Suficiente para Tudo”**

Os anarquistas constituíram uma parte importante, mas não exclusiva, dos aderentes da corrente sindicalista revolucionária da CGT. De fato, alguns anarquistas não aprovaram o investimento no sindicalismo, e a imprensa anarquista da época dá muitos exemplos de militantes que protestaram contra a ideia de que “o sindicato é suficiente para tudo”: no entanto, não há nada em Bakunin que possa justificar este ponto de vista. Pelo contrário: qualquer que seja o nível de exigência que se possa impor a uma organização de massa como a AIT, ele pensou que havia limites para o que se podia exigir dela, limites ligados precisamente à sua heterogeneidade: não se pode pedir a uma instituição mais do que ela pode dar, do contrário ela é desmoralizada: “A Internacional, em pouco tempo, produziu grandes resultados. Organizou, e organizará cada dia de forma ainda mais formidável, o proletariado para a luta econômica”, mas não será possível “usá-la como instrumento para a luta política”<sup>10</sup>. A obra da Internacional é eminentemente política, mas a organização não deve ser usada como um instrumento nas mãos de um partido.

É, portanto, claro que a AIT – em outras palavras, a organização sindical – não pode “ser suficiente para tudo”. Deve haver mais alguma

---

<sup>9</sup> Cf. “A propos de l’Alliance syndicaliste”, p. 34, e segs.

[http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/Alliance\\_syndicaliste\\_A5.pdf](http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/Alliance_syndicaliste_A5.pdf)

<sup>10</sup> Bakounine, *Écrit contre Marx*.

coisa. Os ativistas que lamentavam que o desenvolvimento da organização sindical prejudicou a organização anarquista específica (o que Maurizio Antonioli chama de “absorção de energias pelo movimento sindical”), poderiam ter se inspirado no modelo da “Aliança” Bakuniniana (Aliança Internacional da Democracia Socialista).

A Aliança de Bakunin e seus amigos tinha a função de reunir quadros revolucionários e coordenar sua propaganda e atividade organizacional. A atividade desta Aliança obcecou Marx e tornou-o completamente paranoico. A Aliança dissolveu-se como uma sociedade secreta para se tornar uma seção regular da Internacional.

Talvez sua maior glória seja a criação da seção regional espanhola da AIT. Em novembro de 1868, Giuseppe Fanelli chegou à Espanha para difundir as ideias da Internacional. Em junho de 1870, realizou-se em Barcelona um congresso com delegados representando quarenta mil trabalhadores, no qual se formou a Federação Regional de Trabalhadores da Espanha.

Examinando-a, podemos determinar as funções que este grupo assumiu: propaganda, desenvolvimento da Internacional; encorajar os trabalhadores a se organizarem; agir para garantir a independência da organização em relação às manobras de recuperação política. Ao contrário do que alguns anarquistas acreditam, a Aliança não era, portanto, uma “federação anarquista-comunista” *avant la lettre*, nem um grupo anarquista específico tal como o entendemos hoje: era um grupo coerente, que atuava de forma concertada dentro da organização de massas. Era literalmente uma fração dentro da organização de massas. Não uma fração destinada a assumir o controle da organização em benefício de uma organização de fora da classe trabalhadora, como ordenado mais tarde pela Internacional Comunista, mas uma fração anarquista cuja função era garantir a autonomia da organização de massas, para garantir que as decisões não fossem tomadas fora da organização. Deve-se notar que, na época, o socialismo marxista se limitava a preconizar o uso da ação parlamentar.

O problema da constituição da minoria revolucionária e seu papel tinha, portanto, surgido já no período da AIT e será recolocado no início do século XX: deve-se selecionar dentro da união, como queria James Guillaume, ou fora, como queria Malatesta? Penso que, mais uma vez, Bakunin teria visto isto como um falso problema.

Não há dúvida, porém, de que Bakunin teria condenado veementemente dois tipos de atitudes:

- Ele nunca teria admitido que estas minorias revolucionárias simplesmente instrumentalizassem o movimento de massas em benefício de suas ideias, o que Malatesta expressa dizendo que “queremos fazer propaganda e aproveitar o movimento operário em benefício de nossa

causa”<sup>11</sup>, ou Jacques Mesnil exigindo “permanecer completamente anarquista, nos sindicatos como em outros lugares”<sup>12</sup>;

• Ele teria condenado a atitude daqueles que se recusam a se envolver fortemente no movimento de massas, uma atitude que Libero Merlino expressa ao reprovar os anarquistas por “se lançarem de cabeça no movimento sindical”<sup>13</sup> – uma formulação que sugere claramente a total exterioridade dos anarquistas em relação ao movimento de massas.

Na verdade, Marc Pierrot era médico, Jacques Mesnil jornalista e Libero Merlino advogado. A questão do papel dos intelectuais, para Bakunin, não surge em termos de direção, como será o caso de Lenine, mas de *colaboração*.

O revolucionário russo é totalmente desprovido de ilusões e complacência tanto para com os socialistas burgueses, que ele chama de “exploradores do socialismo”, como para com os operários burgueses.

### 03-5. A organização revolucionária

A reflexão sobre a organização da minoria revolucionária nos tempos de Bakunin e Marx deve evitar o anacronismo de abordar a questão nos termos em que ela surgiu com a emergência do ramo radical da social-democracia – o bolchevismo – no início do século XX. Deve-se ter em mente que os debates que marcaram a ruptura do marxismo revolucionário com a Segunda Internacional ainda não haviam acontecido; deve-se também lembrar que o marxismo tal como apareceu na época era essencialmente parlamentar.

Nos anos 1860-1870, houve tentativas frustradas de formar uma organização revolucionária. Ninguém na altura encontrou uma solução aceitável. Se Bakunin oscila entre organização pública e organização secreta – as organizações operárias são ilegais na França, Itália, Espanha, Bélgica e severamente reprimidas – as organizações secretas em questão são mais redes de militantes que trocam correspondências entre si do que uma autoridade que pretende se colocar na direção do proletariado internacional. O objetivo principal é reunir militantes ativos e determinados para formar quadros revolucionários, uma tarefa que, cronologicamente, parece natural quando se quer dar uma certa orientação a uma organização de massas.

Bakunin havia colocado o problema da organização dos revolucionários e das suas relações com as massas. Ele a colocou em oposição à estratégia política de Marx, tanto eleitoral quanto parlamentar. Os sucessores de Marx prontamente esqueceram que durante a revolução de 1848 na Alemanha havia uma organização revolucionária, a Liga dos Comunistas, que Marx havia dissolvido. Em grande medida, foi um período de tentativa e erro, e as modalidades organizacionais dos revolucionários não aparecem com as evidências e certezas que um Lênin

---

<sup>11</sup> E. Malatesta, “Ancora tra Guillaume e Malatesta” , *Volontà*, 21 de março de 1914.

<sup>12</sup> J. Mesnil, “l’ Esprit révolutionnaire” , *Les Temps Nouveaux*, 13 de março de 1909.

<sup>13</sup> L. Merlino, “Esperimento sindacalista”, *Volontà*, 22 de junho de 1913.



desenvolveria mais tarde. Pode-se notar, além disso, que a essência da crítica de Lênin à social-democracia alemã, que fundou o bolchevismo, já tinha sido feita trinta anos antes por Bakunin.

No entanto, a dissolução da Liga dos Comunistas não se deveu às incertezas de Marx. No início da revolução de 1848 na Alemanha, ele e Engels estavam à procura de financiamento para a *Nova Gazeta Renana* [*Neue Rheinische Gazette*], um jornal liberal, e temiam, acima de tudo, que o *Manifesto Comunista* pudesse circular porque poderia assustar os assinantes<sup>14</sup>. Mais tarde, ele decidiu dissolver a Liga dos Comunistas, quando houve uma verdadeira agitação popular, e depois recusou-se a reativá-la.

Bakunin desenvolveu uma teoria da organização do proletariado que merece mais do que os simplismos redutivos dos seus adversários e, há que se dizer, por vezes também dos que afirmam estar na mesma corrente que ele.

A descrição que Bakunin faz da organização é uma verdadeira antecipação do que será o sindicalismo revolucionário, mais tarde o anarcossindicalismo. É uma continuação do plano de Proudhon de substituir a democracia política baseada no sufrágio universal pela democracia industrial. Esta abordagem foi compartilhada por uma fração do partido bolchevique, a Oposição Operária de Alexandra Kollontai e Chliapnikov, que foram acusados de “anarcossindicalismo”.

### **03-6. O Congresso Anarquista de 1913**

Durante anos, parte dos anarquistas franceses criticaram a liderança sindicalista revolucionária da CGT por não fazer o suficiente, mesmo quando enfrentou uma formidável repressão policial e uma crescente oposição interna de reformistas. Em 1912, tinha sido organizada uma greve geral contra a guerra que se aproximava. Esta greve geral tinha, de certa forma, salvado a honra do movimento operário francês – não havia nada equivalente na Alemanha – mas tinha esgotado a organização e levado a uma terrível repressão, tanto contra os sindicalistas como contra os muitos anarquistas que nela tinham participado ativamente.

Em um artigo comentando este congresso, Francis Delaisi escreveu:

“Mas está claro que esta ‘ginástica revolucionária’<sup>15</sup> não pode ser feita continuamente. Depois de qualquer movimento

---

<sup>14</sup>Engels escreve a Marx: “Se uma única cópia do nosso programa de dezessete pontos [*inspirado no Manifesto*] fosse divulgada aqui, tudo estaria perdido para nós”. Foi nesta época que Engels expressou a Marx o seu receio de que a ascensão dos trabalhadores têxteis pudesse pôr tudo a perder: “Os trabalhadores começam a ficar um pouco agitados, de uma forma ainda muito rudimentar, mas em massa. Eles formaram imediatamente coligações. Mas isto é precisamente o que está a impedir a nossa ação [...]” (Engels a Marx, 25 de abril de 1848, *Correspondance*, Éditions sociales, t. I, p. 540-543).

<sup>15</sup>A expressão é de Emile Pouget.

global, é necessário um período de recolhimento; qualquer batalha, mesmo vitoriosa, deixa feridas no corpo que devem ser curadas, perdas que devem ser reparadas para que um esforço mais vigoroso seja retomado”<sup>16</sup>.

A exterioridade do movimento anarquista se manifesta na incapacidade de perceber a ligação (“dialética”, atrevo-me a dizer...) que pode existir entre ação de reivindicação – identificada com “reformismo” – e ação revolucionária, alguns anarquistas afirmando querer interferir apenas em atividades que levam diretamente à revolução, à exclusão de qualquer outro. É óbvio que, sob essas condições, esses anarquistas tinham pouco a fazer em organizações de massa além da “propaganda anarquista” destinada ao recrutamento – especialmente se não fossem empregados.

Uma fração do movimento anarquista anterior à Grande Guerra, portanto, não seguiu, de modo algum, aqueles dentre seus camaradas que se engajaram entusiasticamente na ação sindical. Para o advogado Libero Merlino, por exemplo, os sindicalistas são “nada mais do que reformistas revisados e corrigidos” [...] “porque não são anarquistas”. Para o Dr. Marc Pierrot, não há “diferença entre sindicalistas reformistas e revolucionários”, porque “ambos estão apenas exigindo reformas”<sup>17</sup>.

Em outras palavras, só se deve agir se a ação levar diretamente à revolução, caso contrário, espera-se... (Falta definir que ação leva “diretamente” à revolução...).

Só após o congresso anarquista, realizado em agosto de 1913 em Paris, as relações entre anarquismo e sindicalismo revolucionário puderam ser, de alguma forma, “normalizadas”. O congresso foi organizado pela Federação Comunista Anarquista, pelos grupos do *Temps nouveaux*, pelos jornais *Le Libéraire*, *Les Temps nouveaux*, *Le Réveil anarchiste ouvrier*. Estiveram presentes cerca de 130 delegados representando 60 grupos (24 de Paris e 36 das províncias). Este congresso foi marcado por um vigoroso distanciamento do individualismo. Sébastien Faure sublinhou o “abismo intransponível” que separava as concepções comunistas e individualistas – o que não o impediu de “reintroduzir” o individualismo no anarquismo quando desenvolveu, em 1928, a ideia de “síntese” entre comunismo, sindicalismo e individualismo...

O relatório feito pelo *Les Temps Nouveaux* em 23 de agosto de 1913 e os comentários que se seguem referem-se longamente à questão sindical. Ele afirma “que é importante para os anarquistas se misturarem com os sindicatos, a fim de semear sentimentos revolucionários e a ideia de uma greve geral expropriatória”. Após este congresso, que finalmente viu o estabelecimento de uma certa coesão entre os anarquistas franceses, muitas conferências regionais foram realizadas. Note-se, contudo, que a Federação do Sudeste, que realizou o seu congresso em Lyon, admitiu todas as tendências – incluindo as individualistas – mas opôs-se à ação sindical...

---

<sup>16</sup> *Les Temps Nouveaux*, 23 de agosto de 1913.

<sup>17</sup> M. Pierrot, *La Conférence de Bertoni*.

Foi, portanto, apenas na véspera da guerra que o movimento anarquista francês conseguiu organizar-se a um nível mais ou menos nacional. Foram formadas federações regionais por todos os lados. Um congresso anarquista internacional seria realizado em Londres, em agosto de 1914. A eclosão da guerra poria um fim a estes planos de união internacional.

Em setembro de 1913, o sindicalista revolucionário Alfred Rosmer afirmou que “a maioria dos anarquistas franceses estava fora da CGT”. O congresso anarquista de agosto de 1913 parecia confirmá-lo: entre os ativistas convidados a comentar este congresso, um certo F. L. escreveu no *Les Temps Nouveaux* de 23 de agosto de 1913: “Por outro lado, como é claro que, há algum tempo, a influência exercida por nossos camaradas sobre o movimento sindical diminuiu significativamente, também se tornou necessário perguntar-nos se sempre havíamos feito no sindicato o que tínhamos que fazer”.

Esta pergunta, sob a forma de um eufemismo, chegou um pouco tarde, mas ela precisa de um comentário. De fato, os relatórios policiais da época dizem-nos que os jornais do movimento anarquista “específico” estavam em dificuldades porque tinham perdido muitos leitores, que se tinham juntado em massa à CGT. Há uma maneira bastante simples de mensurar a influência anarquista na CGT: é examinar os resultados dos votos antiguerra, que ainda recebem muitos votos.

### **03-7. A Carta de Amiens**

A influência de James Guillaume, companheiro de Bakunin, no movimento sindicalista revolucionário francês foi decisiva. No entanto, ao publicar textos de Bakunin e da Federação do Jura a partir de 1905, ele só contribuiu para confirmar as posições do sindicalismo revolucionário que tinha surgido na década de 1890. Ele não deve ser visto como um “fundador”. Para ele, a CGT era sem dúvida o continuador da AIT antiautoritária.

O movimento operário francês foi caracterizado nessa época pela sua adesão ao mito da unidade. Todos os trabalhadores tinham de estar unidos na mesma organização sindical. Sem dúvida, esse é um legado do bakuninismo, que defendia uma única organização de massas, sem um programa político definido, mas focada na solidariedade internacional e nas lutas diretas contra os patrões.

No movimento operário francês, as cisões são consideradas com grande desaprovação – o que, aliás, nunca evitou as cisões. Mas há sempre uma certa dose de má consciência entre os secessionistas: é por isso que geralmente usamos o nome da organização da qual nos separamos, e acrescentamos “unitária”... (CGT/ CGT-Unitaire; Parti socialiste/ Parti socialiste-Unifié etc.).

A política internacional dos bolcheviques após a revolução russa fará tábuas rasas da questão da unidade. Como primeiro passo, foi recomendado retirar os trabalhadores da influência dos reformistas e incentivar as cisões. Mas esta atitude mostrará rapidamente os seus efeitos catastróficos. Quando ficou claro que a revolução mundial não estava mais na agenda e

que o refluxo revolucionário era irrevogável, os líderes comunistas russos mudaram de opinião, percebendo que quanto mais membros houvesse em uma organização sindical, mais recrutas potenciais haverá para o Partido Comunista<sup>18</sup>.

No período que nos interessa – isto é, antes da Grande Guerra – havia os apoiadores de Jules Guesde, um marxista rígido e muito ortodoxo, que tinha fundado o Partido dos Trabalhadores da França. Este partido juntar-se-ia mais tarde à SFIO (secção francesa da Internacional Socialista), na qual se tornou uma corrente minoritária. Guesde estava nas posições social-democratas clássicas, encontradas em Kautsky e depois no seu aluno Lênin, sobre a divisão do trabalho entre partido e sindicato e a subordinação deste último ao primeiro. Guesde queria que a CGT se submetesse ao Partido Socialista, suscitando uma oposição vigorosa não só entre sindicalistas revolucionários, mas também entre reformistas não-partidários e muitos dos próprios socialistas.

Em contraste com a posição de Jules Guesde, havia a de Jean Jaurès, que entendeu que os sindicalistas revolucionários eram incontornáveis, que se isolar deles era isolar-se da própria classe operária, e que era necessário mostrar flexibilidade. É por isso que sua corrente do movimento socialista não era, em princípio, contrária à ideia de independência sindical... sob certas condições.

A questão foi resolvida em 1906, no famoso congresso de Amiens, onde foi aprovada uma moção que se tornaria famosa. Esta moção, que mais tarde seria chamada de “Carta de Amiens”, foi erroneamente considerada como constitutiva do sindicalismo revolucionário. Até certo ponto, ele retoma o programa bakuninista – mas não completamente:

- “desaparecimento do salário e dos patrões”;
- “reconhecimento da luta de classes, que opõe no terreno econômico os trabalhadores em revolta contra todas as formas de exploração e opressão”;
- “a coordenação dos esforços dos trabalhadores, o aumento do bem-estar dos trabalhadores através de melhorias imediatas, tais como a redução do horário de trabalho e o aumento dos salários”;
- mas, ao mesmo tempo, o sindicalismo “prepara-se para a emancipação integral, que só pode ser alcançada através da expropriação capitalista”;
- o sindicalismo “defende como meio de ação a greve geral e considera que o sindicato, hoje um grupo de resistência, será, no futuro, o grupo de produção e distribuição, a base da reorganização social”.

Estes são temas perfeitamente bakuninianos, especialmente o último: a organização da luta contra o sistema capitalista hoje é a antecipação da organização que irá substituir o Estado e a organização capitalista da

---

<sup>18</sup> Ver René Berthier, “II<sup>e</sup> congrès de l’Internationale communiste (1920). – Les illusions des syndicalistes révolutionnaires tombent”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article462>.

sociedade no futuro. Bakunin não inventou essa ideia: ela pode ser encontrada entre ativistas da Internacional, como César De Paepe, entre outros. E é particularmente significativo do pensamento de Proudhon.

A Carta de Amiens reconhece a liberdade de todo sindicalista de “participar, fora do grupo corporativo, nas formas de luta correspondentes à sua concepção filosófica ou política, limitando-se a pedir-lhe, em reciprocidade, que não introduza no sindicato as opiniões que professa fora”. As organizações confederadas não têm que “se preocupar com partidos e seitas que, fora e ao lado, podem buscar livremente a transformação social”.

Este documento foi referido, como eu disse, como o texto fundador do sindicalismo revolucionário. Isso não é verdade. É o prenúncio do declínio do sindicalismo revolucionário. Pois o importante é *o que não está no texto*.

“Nem uma palavra na Carta sobre o combate ao Estado e a denúncia daqueles que afirmam que ele pode tornar-se um instrumento de libertação, nada sobre as análises a serem produzidas contra partidos políticos e ilusões parlamentares”<sup>19</sup>.

E tampouco algo sobre antimilitarismo.

Em 1906, os sindicalistas revolucionários, entre os quais muitos anarquistas, foram o elemento mais ativo e dinâmico da CGT, mas precisamente porque a adesão era aberta, outras correntes também estavam presentes: os guesdistas, que queriam subordinar a organização ao partido, e uma forte corrente socialista reformista, que não contestou a ideia de independência sindical, mas se opôs fortemente tanto aos sindicalistas revolucionários como aos guesdistas. A influência desta corrente crescia às custas dos sindicalistas revolucionários. Estes últimos ainda eram poderosos, mas as suas posições estavam em erosão porque novas federações reformistas tinham aderido à CGT, e a renovação dos mandatos foi-se tornando gradualmente desfavorável aos revolucionários.

No Congresso de Amiens, houve, portanto, uma aliança tática entre sindicalistas revolucionários e socialistas reformistas contra o guesdismo; uma aliança que resultou da combinação de (pelo menos) dois fatores: o aumento irremediável da estratégia eleitoral que foi difícil de resistir; e o desejo dos sindicalistas revolucionários de preservar o máximo possível a unidade do movimento sindicalista em um contexto de mudança social radical. A Carta de Amiens é, obviamente, um documento de compromisso ligado ao fato de os sindicalistas revolucionários não poderem enfrentar sozinhos as tentativas de subordinar a organização sindical aos guesdistas. É também um documento que define grandes opções estratégicas – e o fato de ainda hoje ser referido, mesmo que seja para distorcer o seu espírito, não é fortuito.

---

<sup>19</sup> Jacky Toublet “L’anarchosindicalisme, l’autre socialisme”, , prefácio a *La Confédération générale du travail*, de Émile Pouget, Editions CNT Région parisienne, 1997. Igualmente em: <http://monde-nouveau.net/spip.php?article25>.

E o fato de os sindicalistas revolucionários desse período terem procurado legitimidade nos textos de Bakunin também não é fortuito. Assim, René Chaughi publicou no *Les Temps Nouveaux*, pouco depois do congresso dos Amiens, um artigo intitulado “Bakunin e o Sindicalismo”, quase inteiramente constituído por citações de Bakunin retiradas da *Politique de l'Internationale*<sup>20</sup>.

Neste período de profundas mudanças, os sindicalistas revolucionários precisavam buscar legitimidade nos textos de Bakunin. Assim, René Chaughi publicou em *Les Temps Nouveaux*, pouco depois do congresso de Amiens, um artigo intitulado “Bakunin e o Sindicalismo”, quase inteiramente composto por citações da *Política da Internacional de Bakunin*<sup>21</sup>. O autor quer mostrar que:

“[...] o lugar dos trabalhadores não está entre os políticos nem mesmo entre os chamados socialistas; está no sindicato, onde se realiza a ‘luta solidária contra os patrões’. Bakunin era, portanto, um ‘sindicalista’, muito antes da criação do sindicalismo. Esta ideia de preponderância econômica e abstenção política era nova em 1869. O Conselho Geral da Internacional, assim como o atual *Staff* Geral do Partido Socialista, não a compartilhou”.

Dizer que Bakunin foi literalmente o “inventor” do sindicalismo revolucionário é obviamente falso. Para existir, o sindicalismo não precisava de Bakunin. No entanto, não há dúvida de que Bakunin foi um *precursor* do sindicalismo revolucionário<sup>22</sup>.

A Carta de Amiens não era mais do que um documento de compromisso destinado a preservar parte da herança do sindicalismo revolucionário – mas não o todo – e, acrescentaria eu, parte do legado de Bakunin e da Associação Internacional dos Trabalhadores. É o sintoma de uma regressão do sindicalismo revolucionário, que se agravará em 1908 depois da terrível repressão das greves ligadas à construção do metrô parisiense, durante a qual muitos trabalhadores foram mortos pelas tropas, e depois da gravíssima crise interna que a organização atravessará em 1909 – uma crise que favorecerá grandemente a corrente reformista.

---

<sup>20</sup> R. Chaughi, « “Bakounine et le syndicalisme”, *Les Temps Nouveaux*, 26 janvier 1907.

<sup>21</sup> R. Chaughi, “Bakounine et le syndicalisme”, *Les Temps Nouveaux*, 26 janvier 1907.

<sup>22</sup> Cf. Gaston Leval, *Bakounine fondateur du syndicalisme révolutionnaire*, <http://www.monde-nouveau.net/spip.php?article3>.